

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 6 – Informação, Educação e Trabalho

PALAVRAS QUE CUIDAM E TRANSFORMAM: A BIBLIOTERAPIA EM PAULO FREIRE

WORDS THAT CARE AND TRANSFORM: BIBLIOTHERAPY IN PAULO FREIRE

Aline Machado Cruz - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Ana Paula Meneses Alves - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: o presente estudo analisa a biblioterapia a partir da perspectiva crítica de Paulo Freire, propondo uma reflexão sobre o seu potencial como prática terapêutica e instrumento de transformação social. O objetivo é investigar como a biblioterapia, além de promover bem-estar emocional, pode despertar a consciência crítica dos sujeitos. Nesse contexto, destaca-se a importância da Competência em Informação (CoInfo) como uma dimensão fundamental para a mediação qualificada da biblioterapia, especialmente ao considerar suas dimensões técnica, estética, ética e política. A relevância do estudo reside, assim, em apresentar a biblioterapia como uma prática integradora e emancipadora, capaz de ressignificar experiências, fortalecer vínculos e fomentar o compromisso com a transformação social por meio de espaços de escuta, diálogo e reflexão. Metodologicamente, adota-se uma abordagem exploratória, de natureza qualitativa, com delineamento bibliográfico. Conclui-se que a articulação entre biblioterapia e pensamento freireano contribui para a formação de sujeitos mais autônomos, conscientes, sensíveis, críticos e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, solidária e humanizada.

Palavras-chave: biblioterapia; leitura; Paulo Freire.

Abstract: this study analyzes bibliotherapy from Paulo Freire's critical perspective, proposing a reflection on its potential as a therapeutic practice and instrument of social transformation. The objective is to investigate how bibliotherapy, in addition to promoting emotional well-being, can awaken the critical consciousness of individuals. In this context, the importance of Information Competence (CoInfo) is highlighted as a fundamental dimension for the qualified mediation of bibliotherapy, especially when considering its technical, aesthetic, ethical and political dimensions. The relevance of the study lies, therefore, in presenting bibliotherapy as an integrative and emancipatory practice, capable of redefining experiences, strengthening bonds and fostering commitment to social transformation through spaces for listening, dialogue and reflection. Methodologically, an exploratory approach of a qualitative nature was adopted, with a bibliographic design. It is concluded that the articulation between bibliotherapy and Freirean thought contributes to the formation of more autonomous, conscious, sensitive, critical individuals who are committed to building a more just, supportive and humanized society.

Keywords: bibliotherapy; reading; Paulo Freire.

1 INTRODUÇÃO

A leitura, essencial ao desenvolvimento humano, vai além da simples decodificação de palavras, sendo um meio de interpretar o mundo e dar sentido às experiências, como afirma Freire (2008). Especialmente a leitura literária, torna-se ferramenta de autoconhecimento e construção subjetiva. Nessa perspectiva, Petit (2008, p. 71) destaca que a linguagem está ligada “construção de nós mesmos enquanto sujeitos falantes”, reforçando o papel da leitura na formação da identidade.

Por meio da leitura somos capazes de explorar conhecimentos, ativar o imaginário e estabelecer conexões significativas com sentimentos e emoções que favorecem a compreensão de nossa própria vida. Essa potência da literatura em favorecer a reflexão e o autoconhecimento é a base da biblioterapia, uma abordagem terapêutica que utiliza-se de livros e de histórias para promover equilíbrio mental e emocional.

Neste trabalho, discutimos como a biblioterapia se fortalece quando articulada à pedagogia freireana, uma vez que, sob a ótica de Freire (2008), a leitura é compreendida como um ato político e libertador, capaz de promover a conscientização, a autonomia e a transformação social. Na biblioterapia, por sua vez, a leitura atua como um instrumento de bem-estar emocional e de desenvolvimento pessoal. Ao integrar essas duas abordagens, amplia-se o alcance formativo da leitura, que passa a ser entendida tanto como um meio de cuidado subjetivo quanto como uma prática crítica e emancipadora.

A biblioterapia embora tenha se mostrado uma prática eficaz em diversos estudos, a abordagem dessa prática sob a perspectiva de Paulo Freire ainda é pouco explorada. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo principal analisar a biblioterapia sob a visão crítica de Paulo Freire, buscando compreender como essa prática pode ser um instrumento de transformação individual e também social. A pesquisa propõe uma interface entre a biblioterapia e a visão freiriana da leitura, explorando como esses dois universos se conectam e propondo uma reflexão sobre o potencial da leitura como um ato de cuidado integral: desenvolvimento interior e transformação social.

Dessa forma, a pesquisa é guiada pela seguinte questão norteadora: “Como a leitura, compreendida na perspectiva de Paulo Freire, pode contribuir para a emancipação, o empoderamento e a transformação do sujeito a partir da prática da biblioterapia?” Essa problematização visa ampliar a compreensão sobre a biblioterapia enquanto experiência formativa, analisando a sua relevância para o desenvolvimento pessoal e social. Busca-se

compreender de que maneira a biblioterapia pode favorecer processos de autoconhecimento, elaboração de emoções e fortalecimento de vínculos, contribuindo para a construção de sujeitos mais reflexivos, empáticos e conscientes de si e do outro.

A pesquisa se fundamenta na análise de obras de Paulo Freire, em especial “a importância do ato de ler”, e em estudos sobre leitura e biblioterapia, com o intuito de evidenciar a potência dessa prática como ferramenta de desenvolvimento humano e de conscientização crítica.

Inserido nas discussões do Grupo de Trabalho seis (GT 6) – Informação, Educação e Trabalho da Associação de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB), este estudo contribui para o debate sobre as interfaces entre informação, formação e bem-estar, ao evidenciar como a biblioterapia, fundamentada no pensamento freireano, pode se constituir como uma prática educativa, ética e humanizadora.

Ao reconhecer a biblioterapia como ato formativo, terapêutico e também político, este estudo estabelece um diálogo com as competências exigidas ao profissional biblioterapeuta¹, especialmente no que tange à responsabilidade social e ao compromisso com a transformação da realidade. Nesta perspectiva, a pesquisa se insere nos debates contemporâneos sobre experiências formativas que transcendem o domínio de habilidades técnicas, visando também à construção de uma atuação ética, crítica e humanizadora. Tal abordagem converge com as dimensões técnica, ética, estética e política da Competência em Informação (Colnfo) conforme delineadas por Vitorino e Piantola (2020), as quais são retomadas por Cruz e Alves (2024) ao refletirem sobre a importância da Colnfo na formação de biblioterapeutas.

Com base nessa perspectiva ampliada, a biblioterapia se revela como um campo fértil para práticas formativas e profissionais comprometidas com a transformação da realidade. Pressupõe-se assim que ao articular leitura, escuta sensível e diálogo, essa abordagem contribui para a construção de sujeitos mais empáticos, críticos e socialmente engajados.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico deste estudo fundamenta-se na abordagem da pesquisa exploratória, de natureza qualitativa, que, conforme define Gil (2025, p. 41) “têm como

¹ Segundo Oauknin (1996, p. 13) o primeiro sentido da palavra “terapeuta” é: “aquele que cuida”. Sendo assim, neste trabalho foi adotado o termo biblioterapeuta por se tratar de uma prática que promove acolhimento, cuidado e afeto.

propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Esse tipo de investigação é especialmente adequado quando se busca compreender fenômenos complexos, subjetivos e em construção, como é o caso da biblioterapia em articulação com o pensamento freireano. A natureza qualitativa da pesquisa permite analisar significados, interpretações e experiências, valorizando a profundidade e a compreensão dos sentidos atribuídos pela literatura à prática estudada.

Segundo Gil (2025), em contextos acadêmicos, a pesquisa exploratória frequentemente representa o ponto de partida de investigações, uma vez que permite ao pesquisador delinear e refinar o problema de pesquisa ao longo do processo. Sua característica central é a flexibilidade metodológica, o que possibilita considerar múltiplos aspectos do fenômeno estudado e adaptar o percurso investigativo conforme as descobertas vão emergindo.

Neste sentido, a pesquisa adotada neste trabalho utiliza procedimentos bibliográficos, com ênfase na análise e interpretação crítica de produções acadêmicas já publicadas. Como destaca Gil (2025, p. 41), a pesquisa bibliográfica é bastante apropriada em estudos exploratórios, pois permite ao pesquisador acessar um espectro teórico amplo e construir uma base de conhecimento sólida sobre o objeto investigado.

Para o levantamento de dados, foram realizadas buscas sistemáticas de artigos científicos na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e no Portal de Periódicos da Capes. A escolha dessas bases fundamenta-se em sua relevância e abrangência para o tema estudado. A BVS reúne um vasto acervo de produções relacionadas à saúde física, mental e social, o que se alinha diretamente ao caráter interdisciplinar da biblioterapia, que transita entre literatura, educação e promoção do bem-estar. Já o Portal de Periódicos da Capes oferece amplo acesso a publicações científicas nacionais e internacionais, garantindo diversidade de perspectivas e rigor acadêmico.

Os descritores utilizados foram ‘biblioterapia’, ‘biblioterapia *and* leitura’, ‘biblioterapia *and* Paulo Freire’ e ‘biblioterapia *and* competência em informação’, sem delimitação temporal, de forma a incluir tanto produções históricas quanto contemporâneas. O idioma principal da busca foi o português, mas também foram consideradas fontes em inglês e espanhol para garantir uma cobertura geográfica e teórica mais ampla.

Como resultado, na BVS a busca por 'biblioterapia' resultou em 253 registros, sendo 181 com biblioterapia como assunto principal; 'biblioterapia *and* leitura' recuperou 50 resultados, dos quais 38 tem a biblioterapia como foco central; já as buscas por 'biblioterapia *and* Paulo Freire' e 'biblioterapia *and* competência em informação' não retornaram registros. No Portal de Periódicos da Capes, a busca por 'biblioterapia' gerou 135 resultados; 'biblioterapia *and* leitura' recuperou 57 registros; 'biblioterapia *and* Paulo Freire' não apresentou resultados; e 'biblioterapia *and* competência em informação' retornou 2 registros, dos quais um não possui relação com a ColInfo e o outro aborda competências leitoras e comunicativas.

Além dos artigos, foram consultados livros, teses, dissertações e anais de congressos obtidos por meio de buscas em catálogos de bibliotecas, acervos digitais, repositórios acadêmicos de acesso aberto e indicações de referências extraídas das próprias obras analisadas. Essa estratégia ampliou o *corpus* com produções não indexadas nas bases consultadas, enriquecendo a diversidade teórica e metodológica.

A pesquisa bibliográfica permitiu construir uma base teórica consistente para subsidiar a análise crítica sobre como a biblioterapia pode ser compreendida e potencializada à luz da pedagogia freireana, destacando seu caráter emancipador, terapêutico e político. Os dados recuperados contribuíram para mapear a produção existente, identificar lacunas de pesquisa e reforçar a originalidade e a relevância da proposta.

Dessa forma, a abordagem qualitativa, aliada ao método exploratório e à análise bibliográfica, proporcionou um mapeamento reflexivo e crítico sobre a biblioterapia, suas interfaces com a educação e a saúde, e suas potencialidades como prática emancipatória fundamentada em princípios éticos, humanos e transformadores.

3 A LEITURA

Conforme Wolf (2019), a leitura é uma invenção recente, porém transformadora na história da humanidade, com origens há cerca de seis mil anos. Inicialmente associada à preservação do conhecimento, a leitura evoluiu para uma prática essencial ao desenvolvimento cultural, cognitivo e emocional dos indivíduos. Para Wolf (2019), a leitura molda o pensamento e impulsiona a evolução cerebral da espécie humana.

Hoje, a leitura desempenha um papel fundamental no desenvolvimento individual, pois através dela somos estimulados a pensar de forma crítica e a compreender diferentes perspectivas. Ler nos conecta com outras culturas, tempos e realidades, promovendo aprendizado e transmissão de conhecimento, papéis essenciais para nossa formação cultural. “Ler é, portanto, uma necessidade universal de inclusão, resistência e interlocução, pois nos apresenta um lugar de manifestação das diferentes linguagens e representatividade dos sujeitos” (Cavalcante, 2021, p. 14).

Além disso, o ato de ler pode ser uma experiência prazerosa capaz de promover momentos de deleite e ao mesmo tempo promover reflexões, favorecendo o autoconhecimento. Neste sentido, Seixas (2020, p. 240) diz que “leituras prazerosas são como respiros, que sopram à alma, despertam e/ou fertilizam sonhos, promovem acolhimento e leveza”.

Autores como Pennac (1993), Seixas (2020) e Petit (2009) ressaltam que o ato de ler deve ser livre, não imposto, para que conserve seu caráter lúdico e transformador. A leitura só alcança seu verdadeiro potencial quando é um convite e não uma obrigação. Nessa liberdade, o leitor estabelece uma relação única com o texto, tornando a leitura um espaço de descoberta, acolhimento e reconstrução subjetiva.

Ao respeitar a autonomia do leitor, a leitura se torna um caminho de descoberta, pois conforme Seixas (2020, p. 242), “a leitura é uma forma de acessar boa quantidade de personagens, que contribuem para diminuir a sensação de desamparo para enfrentar o desconhecido”. E conforme Caldin (2009, p. 84), é no ato de ler que o texto adquire vida e “permite que, entre as palavras e as frases, escritor e leitor/ouvinte conversem, discutam, ou seja, adentrem no universo ficcional sem a menor cerimônia”.

4 A LEITURA NA PERSPECTIVA DE PAULO FREIRE

Freire (2008) ao escrever sobre a leitura, se distancia momentaneamente do presente para visitar diferentes fases de sua vida, buscando compreender como o ato de ler se manifestou em sua própria experiência. Ao mencionar sua própria trajetória Freire (2008) revela que o entendimento crítico da leitura é fruto de um processo contínuo, enraizado em experiências de vida. Desde a infância até a maturidade, Freire (2008) destacou como as suas vivências e o seu contexto social moldaram sua percepção sobre o significado da leitura. Essa

"releitura" de suas memórias não é apenas nostálgica, mas um exercício pedagógico, que ajuda a reafirmar a importância de integrar o ato de ler à reflexão, uma vez que a leitura crítica nos permite ir além da superfície do texto, questionando-o e buscando seus significados.

Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado — e até gostosamente — a 'reler' momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler veio em mim constituindo (Freire, 2008, p. 11).

Freire (2008) sugere que a leitura é um processo em constante construção. Ela se entrelaça com a nossa história de vida, com os desafios e as aprendizagens, reforçando que compreender um texto é também compreender o contexto de quem o lê e de quem o escreveu. A linguagem e a realidade estão dinamicamente ligadas, e a compreensão de um texto implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Essa visão amplia o ato de ler, essencial para a conscientização e a transformação social.

A leitura para Freire (2008) não é um ato isolado, pois está profundamente conectada à realidade que vivemos. Na afirmação de que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra", Freire (2008, p. 11) sugere que essa "leitura do mundo" se dá através de nossas experiências, vivências e interações sociais. Ou seja, antes de ler textos escritos, lemos o mundo ao nosso redor. Para Freire (2008) isso significa que ler não é apenas decodificar símbolos, mas também conectar o texto a situações concretas da vida. Dessa forma, o ato de ler torna-se um processo ativo e transformador, no qual o leitor dialoga com o texto.

A "leitura do mundo" é um processo de interação entre o sujeito e o contexto em que ele está inserido. Nesse processo, o sujeito usa suas experiências, conhecimentos prévios e percepções para interpretar e atribuir significado aos eventos e situações que vivencia. "Primeiro, a 'leitura' do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da 'palavramundo'²" (Freire, 2008, p. 12).

Freire (2008) nos mostra que a nossa relação com o mundo e com as palavras é dinâmica e viva. Não é apenas aprender a ler palavras e interpretar o mundo ao nosso redor,

² Freire (2008) cria a expressão "palavramundo", um neologismo que expressa a indissociabilidade entre a palavra e o mundo, ou seja, a palavra carregada de significado e relacionada à realidade concreta. Quando a leitura da palavra não se relaciona com o mundo, ela se torna mecânica e sem sentido.

mas também participarmos dele ativamente. Freire (2008, p. 20) diz que “este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente”, mas que podemos também “dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (Freire, 2008, p. 20).

Ao ler o mundo, criamos significados e, ao aprender as palavras, ganhamos ferramentas para moldar o que vivemos e enxergamos, pois não somos apenas leitores passivos, mas também autores das nossas vidas. Com nossas ações conscientes, “reescrevemos” o mundo ao darmos novos sentidos e assim contribuímos para transformá-lo.

5 A BIBLIOTERAPIA

A biblioterapia³ é uma prática terapêutica que remonta à antiguidade, onde as bibliotecas eram vistas como espaços de "cura para a alma". Segundo Ouaknin (1996, p. 27), ao revisitarmos a história, vemos que o livro e as narrativas sempre tiveram uma intuição terapêutica. Na cultura egípcia, a Biblioteca de Tebas, embora sua existência real seja discutida, foi descrita como um "lugar de cura da alma ou templo da alma", representando a ideia de que o conhecimento e as palavras podem transformar o espírito humano (Campello; Caldeira, 2014, p. 103). Nos tempos modernos, a biblioterapia reafirma esses valores históricos, destacando o poder da literatura como fonte de acolhimento e equilíbrio mental, e se adapta a diversas realidades, alcançando públicos variados como escolas, hospitais, prisões e Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs).

O termo biblioterapia foi introduzido por Crothers (1916, p. 292), que sugeriu que o livro pode ser um "estimulante, sedativo ou sonífero", dependendo de como o leitor interage com ele. Já Ouaknin (1996) amplia essa definição, propondo uma visão mais abrangente da "cura", incluindo uma abordagem preventiva e prospectiva, que visa não apenas tratar, mas também "cuidar do ser" de maneira holística. Caldin (2010) complementa essa perspectiva,

³ Conceitualmente, o termo “biblioterapia” tem origem no grego, sendo composto por *biblion* que significa livro e *therapeia* que significa zelar, tratar, curar; *therapeuein* que significa curar, fazer tratamento médico, tomar conta de, atender, fazer serviços; e ainda *therapon*, aquele que atende alguém. Desse modo, etimologicamente a palavra biblioterapia é a “terapia por meio dos livros”(Ouaknin, 1996, p. 11).

definindo a biblioterapia como "o cuidado com o desenvolvimento do ser humano por meio das histórias, sejam elas lidas, narradas ou dramatizadas".

A essência da biblioterapia se fundamenta na capacidade das narrativas em estimular a imaginação, promover emoções e oferecer novas perspectivas. Dumont e Mendonça (2021, p. 22) afirmam que a literatura, como forma de expressão e imaginação dos sujeitos, favorece a reflexão, a comunicação e a compreensão de si e da vida, ajudando na resolução de conflitos. Seixas (2020, p. 239) vê a leitura como um convite para criar espaços de acolhimento, expressão, escuta, sensibilidade, formação de vínculos e construção de sentido. Dessa forma, a literatura se torna um instrumento de cuidado, autoconhecimento e acolhimento emocional.

O processo de biblioterapia é altamente personalizado, com a seleção das obras sendo feita conforme as necessidades e os interesses dos participantes, respeitando seu contexto. Para Seixas (2018), a história escolhida deve dialogar com as demandas identificadas, criando uma ponte para o envolvimento das narrativas. A escolha de textos ficcionais, poesias ou biografias, com lacunas a serem preenchidas pela imaginação e emoções do leitor, é essencial para que o processo de biblioterapia seja eficaz, com o objetivo de provocar uma catarse emocional (Caldin, 2009, p. 149).

Inspirada em Bachelard, Seixas (2018, p. 89) afirma que há obras literárias que "atuam como movimentos de ressonância e repercussão. Ressonância, pois penetram mais profundamente e despertam imagens apagadas e repercussão pelo impacto gerador de uma urgência de expressão". No entanto, Seixas (2018) diz que nem sempre os livros provocam esse movimento. Daí a importância de um biblioterapeuta: "um apaixonado por leituras, com algum acervo literário atravessado, que se disponibiliza para um grupo e inicialmente faz um exercício de escuta" (Seixas, 2018, p.89), pois como afirma Queirós (2007, p. 13), "cada escuta acorda uma suspeita".

Neste sentido, Sousa e Caldin (2018, p. 175), acrescentam que o cuidado com o desenvolvimento do ser humano na biblioterapia "também se dá por meio do diálogo e da interação com todos os envolvidos no processo para que seja possível a produção de sentido e construção de um novo texto e de um novo eu, o que ocorre a partir da interpretação e da compreensão".

Seixas (2020, p. 242) observa que a "leitura partilhada resgata nossa oralidade" e nos reconecta com a prática ancestral de troca de experiências, permitindo que os indivíduos reconheçam que suas emoções e desafios não são únicos, mas fazem parte da condição humana. Petit (2008, p. 7) afirma que "a leitura tem o poder de despertar em nós regiões que estavam até então adormecidas", proporcionando uma compreensão mais profunda de si mesmos. Além disso, a interação grupal na biblioterapia fortalece o senso de pertencimento e facilita a construção de vínculos. Como afirma Caldin (2009), a prática da biblioterapia, ao promover atividades coletivas de leitura, busca fortalecer a intersubjetividade, a intercorporeidade e o descentramento.

Proust (1991) acreditava que a leitura solitária podia ser uma disciplina curativa, mas Caldin (2009, p. 11) argumenta que a biblioterapia é mais eficaz quando realizada em grupo, pois a interação entre os participantes amplia a compreensão e a cura emocional. "Escutar, falar, tocar – três ações que, se voltadas para o cuidado com o ser, são terapêuticas" (Caldin, 2009, p. 53). Nesse contexto, o biblioterapeuta deve ser um ouvinte atento, ajudando os participantes a ressignificarem suas experiências a partir das histórias e da troca coletiva.

Bergson (2006) diz que o poeta e o romancista desvelam aquilo que sempre habitou em nós, mas que permanecia oculto, pois nos faltavam as palavras para nomeá-lo. A biblioterapia, ao facilitar a nomeação das emoções, proporciona aos participantes o poder de transformar suas experiências e fortalecer sua recuperação. Como Petit (2008, p. 71) afirma, "o que determina a vida dos seres humanos é em grande medida o peso das palavras, ou o peso de sua ausência". A linguagem, portanto, torna-se um instrumento terapêutico vital, que, ao ser compartilhado, permite a compreensão de nós mesmos e dos outros, promovendo o processo de cura coletiva e individual (Caldin, 2009, p. 12).

6 A BIBLIOTERAPIA E PAULO FREIRE: UMA RELAÇÃO DIALÓGICA

Ao alinhar a prática da biblioterapia aos princípios freirianos, podemos entender a leitura não apenas como um recurso terapêutico, mas também como uma ferramenta de emancipação que contribui para a construção de um ser humano consciente de seu papel no mundo. A integração dessas duas perspectivas engloba tanto o despertar de uma consciência crítica quanto o cuidado com a saúde mental e emocional. Enquanto Freire enfatiza o caráter político e emancipador da leitura, a biblioterapia acrescenta uma dimensão terapêutica,

revelando como a literatura pode tocar o íntimo do leitor e, simultaneamente, estimular sua capacidade de questionar e transformar a realidade. Essa interseção destaca o poder da leitura como uma prática humanizadora, que conecta o indivíduo consigo mesmo e com os outros.

Para Freire (2008, p. 11), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, antes de aprender a ler e a escrever, é preciso entender o contexto em que estamos inseridos e estabelecer uma conexão entre a linguagem e a realidade. Ele defende que, ao observar a realidade, o ser humano toma consciência de si mesmo e das estruturas que moldam sua existência. Esse ato de “ler o mundo” é libertador, pois abre caminhos para a transformação pessoal e coletiva. Da mesma forma, na biblioterapia a leitura da palavra faz o indivíduo refletir sobre as suas vivências, permitindo que os mesmos se conectem com suas emoções e suas experiências.

Essa relação entre texto e contexto, essencial na obra de Freire (2008), é também importante na biblioterapia, uma vez que busca também criar espaços de diálogo e discussão entre linguagem e realidade, na tentativa de aprofundar a compreensão entre o texto e si mesmo.

Freire (2008) entende a leitura como um ato de diálogo e encontro, em que o texto não é algo a ser apenas absorvido passivamente, mas um espaço para o leitor se engajar criticamente, ressignificando o conteúdo a partir de sua própria vivência. Essa relação ativa com o texto é um elemento importante da biblioterapia, que estimula os indivíduos a explorarem histórias, poesias e narrativas de maneira reflexiva e terapêutica, ajudando-os a compreender melhor suas questões internas e externas.

Freire (1997, p. 21) ainda enfatiza que “a leitura do mundo feita a partir da experiência sensorial não basta”. Na biblioterapia, a prática além de buscar explorar as emoções e experiências sensoriais evocadas pelos textos, podem também promover a reflexão a partir das reverberações de cada participante.

A partir do texto literário é possível revisitar experiências sensoriais, analisar novas perspectivas, conectar-se a ideias e sentimentos de empatia, cultivar a sensibilidade e refletir sobre questões humanas, como o amor, o medo, a coragem e a dor. Isso enriquece a “leitura do mundo” ao aprofundá-la e dar-lhe novos significados. Assim, ao conectar o ato de ler à

“leitura do mundo”, a biblioterapia se alinha ao pensamento freiriano podendo utilizar as histórias como instrumento de inspiração, conscientização, transformação pessoal e social.

Na visão de Freire (2008), a educação é um ato político e essa mesma criticidade se aplica à leitura, que não deve ser uma atividade mecânica, mas sim uma relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. A biblioterapia, ao promover a leitura de textos literários, pode ter essa compreensão crítica, estimulando a reflexão e a emancipação. Caldin (2009, p. 53) “vale-se da crença de que a atividade terapêutica tem efeito emancipador (ou catártico) na vida das pessoas que a ela se submetem. A biblioterapia aposta nas propriedades da atividade de ficção para promover essa emancipação”.

A interseção entre Paulo Freire e a biblioterapia se dá também no campo do empoderamento. Enquanto a biblioterapia busca aliviar angústias, fortalecer o autoconhecimento e promover harmonia, Freire (2008) propõe que a leitura seja uma prática de conscientização e ação.

Nesse sentido, unir a visão freireana à biblioterapia é reconhecer que a leitura não apenas informa, mas também transforma. E essa perspectiva de Paulo Freire, marcada pela valorização da leitura crítica e emancipadora, oferece um aprendizado teórico potente para se conectar com a biblioterapia. Na interseção entre o cuidado emocional e a educação libertadora, surge um diálogo enriquecedor: a biblioterapia utiliza a leitura como instrumento terapêutico para promover o bem-estar mental e emocional, Paulo Freire utiliza a leitura como ferramenta de conscientização crítica e transformação social.

Para Freire (2008), a leitura autêntica é um ato crítico e ativo. Não se trata apenas de decifrar códigos linguísticos, mas de compreender o significado profundo das palavras, suas implicações sociais e políticas. Ler, nesse sentido, é interpretar o mundo, questioná-lo e buscar transformá-lo.

O direito de dizer a sua palavra. Direito deles de falar a que corresponde o nosso dever de escutá-los. De escutá-los corretamente, com a convicção de quem cumpre um dever e não com a malícia de quem faz um favor para receber muito mais em troca. Mas, como escutar implica falar também, ao dever de escutá-los corresponde o direito que igualmente temos de falar a eles. Escutá-los no sentido acima referido é, no fundo, falar com eles, enquanto simplesmente falar a eles seria uma forma de não ouvi-los (Freire, 2008, p. 26).

Essa reflexão dialoga intimamente com a prática da biblioterapia, pois ambas refletem a ideia de que a comunicação está fundamentada no respeito, na escuta ativa e na troca de

experiências. A biblioterapia pode ser vista como uma forma simbólica desse diálogo, em que livros, leitores e contextos podem interagir para promover reflexão e transformação.

A biblioterapia se configura como um espaço de encontro, de diálogo e de construção de significados. Através da partilha de histórias literárias e pessoais, nos conectamos com experiências profundas, ampliamos nossa compreensão do mundo e desenvolvemos habilidades essenciais para a vida, a empatia, a escuta ativa e a comunicação humanizada.

A eficácia da biblioterapia reside na sua capacidade de criar um espaço de escuta ativa e acolhimento. Ao criar um ambiente onde todos se sintam à vontade para expressar seus pensamentos e sentimentos, o biblioterapeuta facilita o processo de autoconhecimento e de desenvolvimento pessoal. O trabalho de mediar se desenvolve na desconstrução e reconstrução do que deve ser feito “com”, e não “para”, as pessoas. O biblioterapeuta dialoga com os participantes sem impor soluções ou receitas prontas. Ele as incentiva a entrarem em contato com si mesmas, explorar suas próprias angústias e a encontrar seus próprios caminhos.

Estimular a criação de horas de trabalho em grupo, em que se façam verdadeiros seminários de leitura, ora buscando o adentramento crítico no texto, procurando apreender a sua significação mais profunda, ora propondo aos leitores uma experiência estética, de que a linguagem popular é intensamente rica” (Freire, 2008, p. 33).

O pensamento de Freire (2008) dialoga com a essência da biblioterapia, pois ambas estão alinhadas à ideia de conexão com o outro e com o mundo.

O reconhecimento óbvio de que nenhum de nós está só no mundo. Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros [...] o direito de dizer a sua palavra (Freire, 2008, p. 26).

Assim como proposto por Freire, a biblioterapia também parte do princípio de que o ser humano não se realiza plenamente de forma isolada, mas encontra sua completude na relação com o outro. Viver, nesse sentido, é um ato de convivência e compartilhamento que reflete a natureza social do ser, corroborando a premissa de que “se o ser humano não está completo sem o outro; se viver é conviver, ou seja, implica o compartilhamento de idéias, emoções e sentimentos, então, na biblioterapia, pela linguagem, pelo comportamento e pela afetividade, presta-se, de fato, um serviço ao outro” (Caldin, 2009, p. 53).

7 BIBLIOTERAPIA: INTERFACES COM A COINFO E A PERSPECTIVA FREIRIANA

Este estudo parte do pressuposto de que a prática da biblioterapia, ao integrar leitura, escuta sensível e diálogo reflexivo, contribui significativamente para o bem-estar, o autoconhecimento e a construção de comunidades mais empáticas e solidárias. No entanto, para que essa prática alcance seu pleno potencial transformador, é fundamental que seja conduzida a partir de uma perspectiva crítica e humanizadora, como a proposta por Paulo Freire.

Dentro dessa abordagem, o desenvolvimento da CoInfo por parte dos biblioterapeutas é essencial. Ao contemplar as dimensões técnica, estética, ética e política (Vitorino; Piantola, 2020), a CoInfo oferece bases teóricas e operacionais que permitem aos biblioterapeutas selecionar conteúdos relevantes, respeitar as diversidades culturais e subjetivas dos grupos e conduzir práticas de leitura com sensibilidade, criticidade e compromisso social.

Conforme destacam Cruz e Alves (2024), “a dimensão política na biblioterapia abrange a utilização das histórias e da literatura para promover a conscientização social, a empatia, o empoderamento e a transformação social”. Essa visão dialoga diretamente com o pensamento freireano, que entende a leitura como um ato político e libertador, comprometido com a transformação da realidade e com a formação de sujeitos críticos e engajados.

Nessa direção, a biblioterapia, fundamentada na pedagogia freireana e orientada pela CoInfo, consolida-se como um espaço de formação crítica e emancipatória. Ao ser planejada, implementada e avaliada com base nos princípios da CoInfo, conforme propõe Cruz e Alves (2024), e da educação libertadora de Freire, a biblioterapia ela se fortalece como uma prática integradora e emancipatória.

Assim, a biblioterapia revela-se não apenas como ferramenta de autoconhecimento, mas como prática formativa, dialógica e política. Capaz de despertar consciências, fomentar vínculos e ampliar horizontes de sentido, ela se afirma como uma estratégia potente nos campos da educação, da saúde e da cidadania.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidenciou que a biblioterapia, ao dialogar com a pedagogia freireana, amplia seu potencial de atuação, constituindo-se não apenas como prática de cuidado e promoção

de bem-estar, mas também como ferramenta de emancipação, conscientização crítica e transformação social. A análise do *corpus* mostrou que, embora existam estudos relevantes sobre biblioterapia, ainda são raras as investigações que integrem de forma consistente a perspectiva de Paulo Freire, especialmente no âmbito da ColInfo. Essa lacuna reforça a necessidade de pesquisas interdisciplinares que conectem a dimensão subjetiva e terapêutica da leitura à sua função social e política.

A convergência entre a biblioterapia e a abordagem freireana revela o potencial da leitura literária não apenas como prática de acolhimento, mas também como experiência que promove autoconhecimento, provoca reflexões profundas e desperta para as dimensões sociais e políticas da realidade. Ao compreender a leitura como um ato político e transformador, capaz de conscientizar e ressignificar experiências, conforme aponta Freire (2008), o horizonte da biblioterapia se amplia, ultrapassando o âmbito individual e alcançando o coletivo.

Nesse sentido, o desenvolvimento da ColInfo fortalece ainda mais o caráter formativo da biblioterapia, potencializando seu impacto nas questões sociais. Fundamentada no pensamento freireano e orientada pelas dimensões da ColInfo, a biblioterapia consolida-se como uma prática multidisciplinar, capaz de estimular a reflexão crítica, desenvolver a empatia e favorecer a construção de novas perspectivas de mundo, contribuindo para a formação de sujeitos mais conscientes e comprometidos socialmente.

Conclui-se, portanto, que a biblioterapia, quando concebida como prática educativa, ética e politicamente comprometida, constitui um caminho potente para que os indivíduos se tornem protagonistas de seus processos de transformação pessoal e coletiva.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **O pensamento e o movente**: ensaios e conferências. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Ideias, 2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e terapia**. 2009. 216 p. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra (org.). **Introdução às fontes de informação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

CAVALCANTE, Lídia Eugênia. Prefácio. *In*: DUMONT, Lígia Maria Moreira; MENDONÇA, Ismael Lopes (org.). **Leitor, leitura e seus contextos**: livros de estudos. Florianópolis: Rocha, 2021.

CROTHERS, Samuel McChord. A literary clinic. **The Atlantic Monthly**, p. 291-300, 1916. Disponível em: unz.org/Pub/AtlanticMonthly-1916sep-00291. Acesso em: 15 dez. 2024.

CRUZ, Aline Machado; ALVES, Ana Paula Meneses. A competência em informação para mediadores de biblioterapia. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: ANCIB, 2024.

DUMONT, Lígia Maria Moreira; MENDONÇA, Ismael Lopes (org.). **Leitor, leitura e seus contextos**: livros de estudos. Florianópolis, SC: Rocha, 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2025.

OUAKNIN, Marc Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1991.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Para ler em silêncio**. São Paulo: Moderna, 2007.

SEIXAS, Cristiana Garcez dos Santos. Biblioterapia e educação: sopros de cuidado entre leituras. **RevistAleph**, n. 34, p. 239-259, jul. 2020.

SEIXAS, Cristiana Garcez dos Santos. **Vagar sem pressa no esconderijo da vida alada**: em busca da alma na educação. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

SOUSA, Carla; CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia e Hermenêutica: revisitando Gadamer e Ouaknin. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 23, n. 2, p. 174-188, abr./jun. 2018.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. **Competência em informação**: conceito, contexto histórico e olhares para a Ciência da Informação. Florianópolis: UFSC, 2020. *E-book*. Disponível em: editora.ufsc.br/estante-aberta. Acesso em: 20 jun. 2024.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital**: os desafios da leitura na nossa era. São Paulo: Contexto, 2019.